

# GAZETA MEDICA

DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XV

JANEIRO, 1884

N. 7

## AS REFORMAS DO ENSINO MEDICO NO BRAZIL

O pensamento de uma reforma geral em todos os ramos do ensino impõe-se actualmente n'este paiz, como uma necessidade indeclinavel, ao espirito de todos os que acompanham os progressos da instrucção nas nações mais cultas.

Educar todas as forças e aptidões naturaes do homem, promover o desenvolvimento harmonico de todas as suas faculdades, realizar, se é possivel, o ideal da perfectibilidade humana, de modo que o individuo possa prestar a si, á familia, á sociedade, a maior somma de serviços uteis,—é o mais elevado fim da pedagogia moderna, é o principio que deve dirigir a instrucção em todos os ramos de conhecimentos humanos.

N'esta nobre e gloriosa tarefa, compete ao Estado a iniciativa, quando os povos não podem ainda libertar-se de sua tutéla em empreendimentos de tão graves onus, e de tão grande alcance. E' entre nós ao Estado que cumpre satisfazer a estas aspirações do paiz, ampliando e desenvolvendo a instrucção, levantando desde as bases, reconstruindo dos alicerces este edificio de grandeza nacional e de prosperidade publica, refundindo todo o ensino primario e secundario, atrophiado n'uma organização rachitica ou viciado n'uma gymnastica violenta de methodos artificiaes, e de falsos processos, que torturam a intelligencia, fatigam, consomem e esterilisam as forças mais activas e mais productoras do espirito.

Desde os tempos coloniaes, espiritos eminentes tentaram levar a exito um plano completo de reforma da instrucção publica no Brasil, mas nem a metropole, e nem o imperio, por mais

de meio seculo, teve ainda uma situação politica bastante duradoura, perseverante e corajosa para realizar tão grandioso commettimento.

Entretanto, confessam todos os nossos estadistas,—é tempo de realisar-o.

Um illustrado ex-ministro do imperio, em seu relatório apresentado á Assembléa Geral Legislativa, (1) exprimiu n'estas significativas palavras a necessidade urgente de uma completa reforma da instrucção publica n'este paiz :

« Se n'outras espheras as reformas carecem de obedecer a lenta successão, nas que tocam á educação da intelligencia nacional toda a transacção com a actualidade não servirá senão para, sob a apparencia de enganosos melhoramentos, perpetuar o *statu quo*, eivando de morte, pelo contagio dos elementos reinantes, as tentativas parciaes de renovação que se ensaiarem. Só um programma radical n'esta parte poderá preservar de ruina a mentalidade e o caracter brasileiro, substituindo quasi tudo que existe por uma organisação nova e seriamente reparadora. »

« Quem não se sentir no dever de confessar essa realidade, ou não conhece o nosso abatimento, ou ignora as necessidades impostas hoje a todas as nações civilisadas pelo movimento prodigiosamente accelerado e creador, que, nos paizes adiantados, torna a instrucção publica a mais absorvente preocupação dos governos e dos povos »

A historia litteraria do Brazil está bem longe de encher-nos de justo orgulho; a pobreza de nossos archivos scientificos causa um sentimento de tristeza e desanimo a quem, possuido de veneração pela memoria dos homens eminentes, que se teem distinguido n'este paiz; por sua erudição e por suas luzes, procurar em vão nas producções litterarias e scientificas o rasto luminoso d'esses talentos privilegiados, germen divinos que deviam fecundar brilhantemente a cultura das sciencias e das letras, e

(1) Segunda sessão da 15ª legislatura.

esvaeceram-se sem deixar ahí os traços fulgurantes de sua passagem.

Se investigarmos as causas d'esses desfallecimentos frequentes, d'esse desanimo geral que entorpece o movimento litterario e scientifico do paiz, veremos que, alem dos defeitos da instrucção geral, não pequena influencia tem exercido a viciosa e corruptora educação politica, que tem creado uma nova e artificiosa organização social, em que o merito se aquilata pela subserviencia partidaria, e os espiritos subordinam suas crenças a uma falsa disciplina; em que a policia dos partidos escravisa o individuo, e em vez de fazel-o amar a liberdade, cultivando a sciencia, tira-lhe a autonomia que é o caracter distinctivo de sua individualidade, comprime-lhe o cerebro n'um molde estreito, de interesses que não são os do paiz, de conveniencias que não são as do bem publico, e faz penetrar sua influencia perniciosa e abominavel até as regiões mais serenas e tranquilladas d'esse mundo scientifico, em que devia reinar sempre a paz do espirito que é a irradiação da luz divina.

N'esse meio incapaz de satisfazer ás inspirações vivificadoras em que se revigóra a mentalidade humana, sem os estímulos que determinam o acto continuo de suas funcções, sem o pabulo que deve entreter-lhe a nutrição e a vida, hade necessariamente atrophiar-se n'uma decadencia precoce esta organização já mesquinha e enferma.

Quasi meio seculo temos ficado estacionarios, sob a oscillação de reformas, ora sem harmonia e sem nexo, ora insufficientes e tardias, e muitas vezes antagonicas e incongruentes, quando não são simplesmente demolidoras.

Na marcha do ensino medico, como na evolução de todas as outras instituições scientificas do paiz, não se veem ainda traços duradouros de uma direcção harmonica, de uma concepção organisadora, e ninguem desconhece que de uma organização regular e uniforme, de uma direcção scientifica e providente carecem estas instituições para corresponderem a seus elevados fins.

A organização deficiente, o desenvolvimento incompleto dos cursos medicos e cirurgicos durante todo este periodo, além de falsearem os destinos de taes instituições, prejudicando profundamente os mais vitaes interesses da população, trazem a decadencia progressiva e inevitavel ruina d'estas escolas, centros de instrucção profissional, que foram reputados necessarios ao bem publico desde os tempos coloniaes, e creados então com toda a parcimonia que se devia esperar do zelo centralizador da metropole, mas certamente com um caracter eminentemente pratico e utilitario, que não souberam desenvolver convenientemente as ultteriores reformas.

Parecendo desconhecer o caracter profissional do ensino ministrado n'estas instituições, os governos que se succederam n'estes 50 annos olvidaram a instrucção pratica, e escasseando até os recursos votados por leis, e faltando ás promessas de seus decretos, tiraram-lhes os melhores elementos de ensino, deixando-as cahirem no descredito, contra o qual luta ha tantos annos seu professorado, protesta e reclama incessantemente nas memorias historicas das Faculdades.

«Muitolucraria o paiz, diziamos em 1877 n'um editorial d'esta *Gazeta*, se a instrucção publica estivesse a cargo de uma pasta especial do ministerio, ou pelo menos fosse regida por uma repartição technica, dirigida por profissionaes dos mais competentes em todos os seus ramos, e se a exemplo da Austria e da Prussia tivesse esta pasta uma secção especial para tratar dos negocios medicos, que, não carece dizel-o, envolvem questões primordiaes, de interesse vital para todo o paiz.

«Na Austria a secção do ministerio do interior para os negocios da instrucção publica tem duas sub-secções, que tratam dos negocios medicos, uma para as questões puramente administrativas, outra para as do ensino medico.»

«A cada uma d'estas sub-secções está adjuncto um conselho cujos membros teem o titulo de conselheiros do ministerio, e cujo presidente é sempre um medico nomeado pelo Imperador.»

«Na Prussia o ministerio, que se denomina dos *cultos*, da

*instrucção e dos negocios medicos*, tem para estes negocios uma secção especial cujo chefe é um medico, sub-secretario de estado, com quatro conselheiros, relatores nas questões de ensino medico, ou quaesquer outras de sua especial competencia. »

« Estes conselheiros tem sido medicos de alta reputação, ou do corpo de saude do exercito, como Grimm, ou professores da Faculdade de Berlim, como Frerichs. »

« Além d'este conselho ha ainda para consultas uma commissão de nove membros, em cuja maioria tem funcionado professores da mesma Faculdade, da ordem de Langembeck, Virchow, Bardeleben, Hoffmann e outros. »

« Cada provincia da Prussia tem ainda um conselho de 6 a 9 membros para tratar dos negocios d'esta jurisdicção. »

« Sem uma organização semelhante os planos de reforma entre nós mudarão em cada ministerio, e a instrucção superior do paiz será uma teia de Penepole, o nivel do ensino variavel como um barometro, sujeito ás oscillações d'esse movimento politico, em que sóbe e desce todo o paiz, attrahido pela força irresistivel de uma centralisação absorvente. »

Com esse cunho scientifico nossas instituições medicas terão uma organização duradoura, as reformas não terão de demolir para construir de novo, e poderemos dizer das nossas, o que disse Taine das instituições inglezas: Aqui a geração que se segue não se desliga da precedente; as reformas se superpoem ás instituições, e o presente, apoiado no passado, o continúa. »

Não ha entre nós um laço natural e constante entre o poder central que dirige a instrucção e as instituições que d'elle recebem a força, o impulso e a vida. N'um systema organico, em que o movimento e o sangue derivam de um centro, que aspira a seiva nutritiva, para distribuil-a gradual e successivamente aos diversos aparelhos, a circulação deve ser constante, o jogo funcional das arterias deve estabelecer rapida e incessante communição entre o orgão impulsor e os systemas que d'elle recebem o influxo; e para que a vida se mantenha regular e constante em seu pleno exercicio, é preciso que

tenham acção propria os differentes elementos que compõe o organismo, e que, embora influidos pelo centro funcional, tenham sua independencia de organização, sua vida intrinseca. Assim, nas instituições, convem deixar, no terreno da legalidade, á espontaneidade de acção, ao esforço da iniciativa individual, que é o traço mais caracteristico e brilhante da liberdade do homem, uma larga esphera para suas manifestações. D'ellas tem tudo a esperar a sciencia, o progresso e a civilisação.

Um ligeiro esboço historico de nossas instituições medicas, basta para mostrar a inconsistencia das bases e a falta de solidez dos planos, em que tem assentado sua organização nas reformas que tem soffrido.

Iniciado no primeiro decennio d'este seculo, quando a côrte portugueza vindo refugiar-se em sua rica e florescente colonia, entrou n'um regimen de concessões liberaes, o ensino medico foi resultado do vivo impulso que, no meio do movimento geral que animavam o commercio, as industrias, as artes e as sciencias, um governo providente procurou communicar á instrucção publica, criando estabelecimentos litterarios e scientificos, de grande utilidade ao estado, que tinha de ser em breve elevado á dignidade e preeminencia de Reino do Brazil.

A um medico notavel, o Dr. José Correia Picanço, cirurgião-mór do Reino, deve especialmente o Brazil a criação de sua primeira escola de cirurgia em 1808. Tendo aperfeiçoado seus estudos em Paris, e exercido com distincção o magisterio na Universidade de Coimbra, onde deu notavel incremento aos estudos anatomicos e chirurgicos, o erudito professor, então jubilado, e exercendo o alto cargo de cirurgião-mór, acompanhou n'esta qualidade a côrte portugueza ao Brazil, e conseguiu desde logo mostrar ao regente D. João a necessidade de criar uma escola de cirurgia no hospital real da Bahia, onde teve a gloriã de realisar este magnanimo intuito, tendo sido incumbido por decreto de 18 de Fevereiro de 1808 da organização e da escolha do pessoal docente da dita escola.

Com os exiguos meios de que podia dispor o illustrado

cirurgião-mór, deu á nova instituição a feição pratica que podia tornal-a proficua n'aquella epoca, e escolheu para leccionar cirurgia e anatomia dois cirurgiões notaveis, cujos nomes a Bahia conserva ainda, com a veneração que sóe consagrar á memoria dos homens distinctos.

Foi em Novembro do mesmo anno que por outro decreto foi creada a Eschola anatomica, cirurgica e medica no hospital Real e de Marinha da cõrte do Rio de Janeiro, « em beneficio da conservação e saúde dos póvos, afim de que houvesse habeis e peritos professores, que unindo á sciencia medica os conhecimentos praticos da cirurgia, podessem ser uteis aos moradores do Brazil. »

Animado pelo desejo de melhorar a nascente instituição, o governo do principe D. João incumbio em 1811 de elaborar o plano de organização de uma escola medico-cirurgica, a um medico illustrado, o Dr. Vicente Navarro de Andrade, que durante tres annos estivera em Paris, em commissão scientifica, estudando os recentes progressos das sciencias medicas, e instruindo-se nos ramos praticos de sua profissão.

Este plano que instituia os dois cursos, medico e cirurgico, ampliava o programma do ensino, e augmentava o numero de cadeiras, apenas teve um começo de execução, e já em 1813 era mandado adoptar o *Plano de estatutos de cirurgia*, elaborado por Manoel Luiz Alvares de Carvalho, medico honorario da real camara, e director dos estudos de medicina e cirurgia na cõrte e estado do Brazil. Ainda este novo plano, que, menos amplo que o de 1811, estabelecia um curso de cinco annos, com um numero restricto de cadeiras, não resistio ao conflicto de rivalidades que se suscitaram entre o director e alguns notaveis cirurgiões portuguezes preteridos n'essa nova organização.

Um vasto e grandioso projecto, que em qualquer epoca faria honra a seu auctor, foi ainda n'aquelles tempos apresentado ao illustre ministro o Conde da Barca, modelando a organização da instrucção publica no Brazil por um plano sabiamente de-

lineado. O projecto de Stockler, que tinha em si germens fecundos de grandeza e de prosperidade para este paiz, era talvez por demais grandioso para uma colonia, e foi por isso desprezado, e as escolas de cirurgia que existiam então na Bahia e no Rio de Janeiro, e deviam por esta reforma passar a academias reaes de medicina, cirurgia e pharmacia, não soffreram ainda d'esta vez a projectada reorganisação.

Assim atravessou o ensino medico nos tempos coloniaes, esta phase de evolução rudimentar, que continuou -se ainda durante o primeiro reinado, apenas ligeiramente modificada pelo decreto de 9 de Setembro de 1826.

O movimento politico do imperio e suas reformas administrativas absorviam n'aquella epoca a curiosidade geral, e os espiritos curvando-se fascinados pela luz brilhante que projectava no throno a aurora da liberdade nacional, esqueciam na penumbra essas instituições nascentes, fracas e mal organisadas, que deviam ser no futuro os mais fortes esteios da liberdade.

( Continúa )

---

## MEDICINA

---

### O MICRO-ORGANISMO DO BERIBERI

Pelo Dr. J. B. de LACERDA (1)

INVESTIGAÇÕES FEITAS NO LABORATORIO DE PHYSIOLOGIA  
EXPERIMENTAL DO MUSEU NACIONAL

Quando, ha tres mezes passados, noticiaram os jornaes desta corte a chegada da corveta *Nictheroy* trazendo a seu bordo muitos individuos acommettidos de beriberi, dirigi-me por carta ao mui distincto e estimavel cirurgião-mór da Armada Sr. Conselheiro Carlos Frederico Xavier, pedindo-lhe permissão para ir ao Hospital de Marinha visitar aquelles doentes. S. Ex. com a maior delicadeza e bondade, pelo que

(1) Transcripto da *União Medica*.

reitero-lho, ainda uma vez, os meus agradecimentos, poz tudo á minha disposição; e dignou-se de acompanhar-me na visita ás enfermarias, fornecendo-me todos os esclarecimentos de que eu precisava.

Entre varios doentes que alli se achavam atacados de beriberi, quasi todos apresentando a fórma mixta ou *edemoparalytica*, escolhi alguns em que me pareciam estar mais pronunciados os symptomas da molestia, e depois de os haver interrogado e examinado attentamente, roguei-lhes que se prestassem á extracção de uma quantidade diminuta de sangue, da qual eu carecia para minhas investigações.

O processo empregado na extracção do sangue foi o seguinte: lavava com sabão e depois com alcool a superficie cutanea de uma das extremidades digitaes; em seguida picava o dedo com um alfinete passado previamente na chamma de uma lampada de alcool, e aspirava-se a gotta de sangue em tubos capillares esterilizados na temperatura de 150° C. Uma vez cheio o tubo, fechavam-se os extremos delle com lacre derretido.

Extrahimos desta sorte sangue a seis doentes. Os tubos capillares contendo sangue ficaram logo introduzidos em um tubo de vidro de maior capacidade, obturado com algodão.

Alguns dias depois tentamos a primeira cultura. Achava-se então trabalhando no laboratorio de physiologia do Museu o Sr. Rebourgeon, contractado pelo Governo Imperial para fundar uma eschola veterinaria no Rio Grande do Sul, e que, antes de partir para o Brazil, havia praticado no laboratorio do Sr. Pasteur. Com um caldo de carne neutro e completamente esterilizado, que o Sr. Rebourgeon havia preparado, enchemos até um terço da capacidade de um pequeno matraz de Pasteur, tendo sido previamente esterilizado o matraz na temperatura de 160° C.

Partimos ao meio um dos tubos capillares contendo sangue beriberico e introduzimos rapidamente os dous fragmentos no matraz. Este foi depois transportado a uma estufa (systema

d'Arsonval) na qual manteve-se a temperatura constante de 37° C.

Passados alguns dias retiramos o matraz da estufa afim de proceder aos primeiros exames. O caldo nelle contido havia perdido a primitiva transparencia; apresentava-se turvado e opalino.

Fomos então proceder ao exame microscopico do caldo, da seguinte maneira: mergulhamos no matraz um bastão de vidro previamente passado na chamma da lampada de alcool, e, retirando-o rapidamente, fechamos de novo o matraz. A gotta do liquido de cultura transportada no extremo do bastão foi depositada em uma lamina de vidro bem lavada no alcool e passada depois na chamma; cobrio-se a preparação com uma laminula bem assejada e egualmente passada na chamma. Escusado é dizer que jamais prescindimos dessas cautelas em exames ulteriores com o fim não só de conservar a pureza da cultura, como para evitar a interferencia de poeiras ou germens adventicios na preparação.

A lamina assim preparada foi collocada no fóco de um microscopio de Verick, tendo a ampliação de 600 diametros e o fóco illuminado por uma lampada de petroleo.

Qual não foi a nossa surpresa, quando regulado o fóco pela aproximação das lentes, vimos surgir sob os nossos olhos, n'uma abundancia verdadeiramente admiravel, um micro-organismo que pelas suas fórmaz fazia lembrar a bacteria do carbunculo. Esse micro-organismo apresentava-se sob o aspecto de filamentos translucidos, de comprimento variavel; alguns, porém, tão longos que atravessavam mais de metade do campo do microscopio. Em alguns o aspecto articulado era bem visivel, parecendo o filamento ser formado de varios segmentos. Muitos delles apresentavam-se enovelados, torcidos, assemelhando-se a um feixe de cordinhas. Outras vezes os filamentos trançados em varios tecidos apresentavam o aspecto reticulado.

Alguns filamentos que se isolavam do retículo, tinham o aspecto articulado, e offereciam dichotomias ou ramificações incipientes.

No interior dos filamentos mais desenvolvidos notavam-se corpusculos brilhantes; esses corpusculos, que não podiam ser senão *sporos*, achavam-se espalhados por todo o filamento, sendo quasi constantemente observados nos pontos de união dos segmentos ou articulações.

Da fragmentação dos filamentos mais longos resultava muitas vezes tomarem os fragmentos o aspecto de um compasso aberto, formando a abertura um angulo obtuso.

Em varios pontos da preparação appareciam grandes massas de *sporos* agglomerados.

A *pureza* da cultura era comprovada pela ausencia de outro qualquer elemento ou germen differente deste que acabamos de descrever.

A excessiva abundancia de um micro-organismo no sangue beriberico cultivado, a sua notavel semelhança com o micro-organismo do carbunculo, a pureza da cultura, onde não apparecia nenhum outro elemento extranho, tudo isso deixou-me tão profundamente impressionado, que julguei do meu dever dar prompta publicidade ao factó que acabava de observar. O principal orgão da nossa imprensa diaria deu no dia 3 de Agosto a minha singela communicação, na qual guardei todas as restricções necessarias em investigações scientificas desta ordem.

A novidade do factó foi um poderoso incentivo para que proseguissemos nesses estudos com a maior actividade e prudencia.

Novas culturas foram ensaiadas em condições identicas á primeira, empregando sangue beriberico proveniente de outros doentes, quer do Hospital de Marinha, quer do Hospital militar da Côte.

Em todas essas culturas desenvolveu-se o mesmo micro-organismo. A concordancia destes resultados augmentava de

dia em dia a importancia das nossas investigações e induzia a suspeitar com algum fundamento que tal micro-organismo podesse ser a causa real e efficiente do beriberi. Preciso era, porém, appellar para os resultados das inoculações feitas em animaes, antes de fundamentar essa suspeita.

Trez porquinhos da India foram, no dia 3 de Agosto, inoculados sob a pelle da côxa com algumas gottas da primeira cultura. As placas amarradas ao pescoço de cada um delles traziam os numeros 8, 52, 53.

O n. 8 succumbio dentro de 24 horas depois da inoculação.

Os seus pulmões estavam congestos e o sangue mui diffuente. Este examinado ao microscopio deixou ver os globulos deformados, eriçados de spiculos. Em varios pontos da preparação appareciam pequenas massas de sporos, e o micro-organismo, sob a fórmula de filamentos rectos, translucidos, immoveis, ainda pouco desenvolvidos, lá estava. Alguns, mais longos, apresentavam-se já articulados, formando angulos mais ou menos obtusos. Não havia micrococcos nem bacterias da putrefacção. Cumpre dizer que a autopsia foi praticada poucas horas depois da morte, sendo a temperatura do ambiente de 25° C. O sangue deste animal, cultivado segundo as regras precedentemente estabelecidas, reproduzio, no fim de alguns dias, o micro-organismo no seu completo desenvolvimento.

Com o sangue fresco extrahido do coração do porquinho n. 8, diluido em agua distillada, praticamos no dia 14 de Agosto inoculações sub-cutaneas nas côxas de outros trez porquinhos, os quaes foram marcados com os numeros 11, 41, 86.

Os ns. 11 e 41 succumbem na manhã de 17 de Agosto, apresentando ambos congestão nos pulmões e sangue diffuente. O sangue continha o micro-organismo, ainda pouco desenvolvido, parecendo este ser mais abundante no porquinho n. 11 do que no de n. 41. O sangue do porquinho n. 41 foi colhido ainda fresco, em tubos capillares previamente esterilizados, os quaes,

depois de fechados com lacre, foram guardados para se proceder a novas culturas.

Os porquinhos ns. 52 e 53 da primeira serie, inoculados no dia 3 de Agosto, tendo resistido até o dia 10 de Agosto, resolvemos re-inoculal-os com o sangue do porquinho n. 41, conservado em tubos capillares. Partiram-se alguns tubos e o conteúdo diluido em agua distillada foi injectado debaixo da pelle. Ambos succumbiram no dia 12. Não tendo comparecido no laboratorio n'esse dia, perdemos a occasião de observar o sangue desses animaes.

O porquinho n. 86 da segunda serie, inoculado na mesma occasião em que foram os de ns. 11 e 41, succumbe no dia 13 com lesões identicas áquelles. Achando-me eu ausente, o preparador do laboratorio limitou-se a colher o sangue em tubos capillares.

Levado pelas notaveis semelhanças que existem entre o micro-organismo do sangue beriberico e a bacteridia do carbunculo, pensei em experimentar os effeitos da inoculação no carneiro.

No dia 13 de Agosto mandei conduzir ao laboratorio um carneiro novo e bem nutrido, e injectei-lhe no tecido cellular das duas côxas 1/2 centim. c. do liquido da primeira cultura. Comquanto dous dias depois da injectação parecesse ficar um tanto abatido, todavia tem-se conservado até hoje este animal sem dar signal de molestia. Sem embargo disso prolongaremos a observação, e tencionamos mesmo submettel-o a novas inoculações.

É possível, e nisso não ha que admirar, que o carneiro, contra as minhas previsões, seja naturalmente refractario ao novo micro-organismo. É cousa sabida que essas immuniidades congenitae de certas raças dão-se frequentemente para outros micro-organismos.

Não obstante, seria apressar as conclusões, se fôssemos deste unico facto, ainda sujeito a observação, concluir já que

o carneiro goza de immuniidades contra o micro-organismo do sangue beriberico.

Variando de especie de animal em experiencias subseqüentes, resolvemos ensaiar a inoculação em coelhos. É conhecida a extrema susceptibilidade que têm estes animaes para certas materias ditas virulentas.

No dia 4 de Setembro injectamos no tecido cellular subcutaneo da côxa, em dous coelhos, 1/2 cent. c. do liquido da primeira cultura. Na manhã do dia 9 um dos coelhos foi encontrado morto. A autopsia deste animal veio-nos trazer resultados verdadeiramente surprehendedentes. Os pulmões estavam congestos, o figado tinha uma côr vermelho-escura carregada. Os musculos apresentavam-se pallidos. O sangue negro e diffuente. Em varios pontos do tecido cellular subcutaneo, na superficie dos musculos e das serosas, no interior do parenchyma do figado, viam-se innumeradas granulações brancas, de um tamanho menor que a cabeça de um alfinete, rijas ao tacto, engastadas na trama dos tecidos. Na superficie do pericardio e sobretudo das pleuras, essas pequeninas granulações eram bem visiveis. Os globulos vermelhos do sangue mostravam-se alongados, deformados, spiculados; ás vezes fundidos ou dissolvidos em massa, constituindo magmas de fórmias mui irregulares, de côr ora amarellada, ora avermelhada. O sangue continha agglomerações de sporos e os filamentos do micro-organismo beriberico sob a fórmula de longos bastões, ora rectos, ora recurvados, completamente immoveis, taes como os encontramos muitas vezes após as primeiras 24 horas da cultura do sangue beriberico.

Varias granulações das que se encontravam nas serosas foram esmagadas, humedecidas com agua distillada e examinadas ao microscopio.

Ellas eram constituídas por massas de sporos e alguns filamentos pouco desenvolvidos. Passamos em seguida a examinar a medulla espinhal. A consistencia do tecido da medulla era evidentemente menor do que no estado normal.

O que nos encheu, porém de espanto, foi encontrarmos no meio do tecido nervoso medullar os longos filamentos do micro-organismo do sangue beriberico, abundantes, entrelaçados e sporulados. Este facto ferio-nos como um raio de luz, e, comquanto durante o curto espaço de tempo que o animal viveu após as inoculações, não houvessemos tido occasido de observar nelle perturbações da motilidade ou da sensibilidade, todavia era mui de presumir que ellas se tivessem dado.

A nossa observação foi depois confirmada pelos distinctos collegas Drs. L. Couty, Silva Araujo, Moncorvo de Figueiredo, aos quaes apresentei a preparação para ser por elles examinada. Não havia duvida; o facto era incontestavel.

O segundo coelho injectado continúa a viver até hoje (15 de Setembro).

Eis o ponto em que param actualmente as nossas investigações sobre a causa provavel do beriberi. Ellas datam de pouco mais de um mez, e os resultados até aqui obtidos já deixam prever qual o valor das conclusões a que ellas podem induzir.

Não queremos nem devemos ser apressados em concluir, maxime tratando se de assumptos tão delicados como este; tudo porém, induz desde já a crer que não é a humidade, a alimentação, e outras causas banaes, tantas vezes invocadas para explicar o apparecimento do beriberi, assim como de outras molestias differentes, que poderão fornecer a noção pathogenetica clara daquella molestia exotica.

Os factos experimentaes que temos provocado e observado até aqui, com rigor scientifico, arrastam o espirito desprevenido para uma outra vereda e induzem-nos a acreditar que a *causa* do beriberi, assim como de outras molestias epidemicas ou endemicas não ainda convenientemente estudadas sob o ponto de vista da causalidade, não é de ordem meteorologica, como se ha pretendido; a *causa* do beriberi parece ser outra, isto é, um elemento estranho, vindo do meio exterior, pertencente á classe dos micro-organismos. Esta supposição, que tem já, graças ás minhas recentes investigações, muitas probabilidades em seu

favor, converter-se ha em certesa, quando houvermos accumulado maior somma de factos comprobatorios (1).

---

## CONGRESSO INTERNACIONAL DOS MEDICOS DAS COLONIAS EM AMSTERDAM

DISCURSO DE ABERTURA DO PRESIDENTE, O PROFESSOR STOKVIS (1)

Senhoras e senhores !

E' com um sentimento do mais profundo reconhecimento que venho agradecer-vos, minhas senhoras e senhores, a benevolencia e prestesa com que acolhestes o convite da commissão organisadora para nos fazerdes a honra de assistir a esta sessão solemne, e venho manifestar-vos o desejo de que sejaes bem vindos. Sinto que o meu coração se enche dos sentimentos mais nobres e as affeições mais legitimas, desejando-vos a boa vinda, a vós meus senhores e carissimos collegas, que vindes prestar o vosso concurso á obra, que empreehendeu a commissão organisadora do congresso internacional dos medicos das colonias.

Quando esta commissão se propoz reunir, em Amsterdam, por occasião da exposição internacional colonial e de exportação geral, um congresso internacional de medicos das colonias, não se illudiu sobre as difficuldades d'esta empreza. Era o primeiro congresso d'este genero, que ella queria inaugurar; era, pois, entrar n'um caminho inteiramente novo, era arriscar-se n'um terreno escorregadio e sinuoso, de que se não conheciam nem os desvios nem os perigos !

Como será recebida pelo mundo medico e scientifico esta idéa de um congresso internacional de medicina colonial?—eis a

(1) Publicamos este artigo, cujos pontos principaes foram já analysados no numero 4, de Outubro, d'esta *Gazeta*, com o fim de reunir n'estas paginas os estudos mais interessantes sobre a pathogenia do beriberi.— A REDACÇÃO.

(1) Trasladamos para nossas columnas este importante discurso que interessa em muitos pontos á historia da Medicina no Brasil, nos tempos coloniaes.

pergunta que a commissão não deixava de fazer a si mesmo a cada passo. A medicina, a sciencia medica, os interesses da humanidade—de que a medicina é um dos guardas mais fieis e mais corajosos—não serão por toda a parte os mesmos, no campo, assim como nos grandes centros de civilisação, nas colonias assim como nas metropoles, nos paizes intertropicaes assim como nos nossos climas moderados? Para que querer elevar de novo muros e barreiras, onde o progresso só tende a demolil-os e fazel-os desaparecer? Para que manifestar um separatismo mal collocado, querendo crear uma nova casta, a dos medicos das colonias, como se se quizesse voltar á organisação politica e social dos antigos Hindús? Para que, n'uma palavra, querer oppor barreiras a essa corrente de idéas sãs de cooperação e associação universaes, cuja força e poder vão crescendo todos os dias? Foi ao pé d'essa corrente de aguas limpidas, ferteis e abençoadas, que se elevou o edificio grandioso e magnifico dos congressos internacionaes, nos quaes todos os medicos do mundo, todos os que se interessam pelo progresso da sciencia medica, se reúnem, se encontram, se instruem mutuamente como os membros de uma só e grande familia.

Por ventura os medicos das colonias e dos paizes de ultramar não são ahi recebidos como irmãos, apreciados e applaudidos como trabalhadores intrepidos da sciencia moderna nas paragens mais longiquas do nosso globo?

A lembrança do ultimo congresso internacional medico, o de Londres, não estará ainda viva em nós, pela importancia das questões, que lá foram tratadas, pelo esplendor dos homens illustres, que assistiram, e sobretudo pela hospitalidade principesca dos nossos collegas inglezes? O congresso internacional medico de Copenhague não estará a surgir no horisonte como a aurora de um dia sem nuvens? Para que, pois, n'este momento, entre um passado glorioso de lembranças inapagaveis, e esse futuro cheio de luz, um novo congresso internacional especialissimo—dos medicos das colonias? E todavia,

meus senhores, no meio d'estas duvidas, d'estas hesitações, de que a commissãc organisadora não podia libertar-se, tomastes corajosamente o vcsso partido. Applaudistes a nossa obra, dizendo, que a sciencia medica dos nossos dias se assemelha antes a um estado federativo, do que a um d'esses mecanismos artificiaes, de que se não poderia tirar uma parte essencial, sem prejudicar a sua existencia! Pensastes, que valia a pena que os grandes interesses da hygiene e dos cuidados medicos nas colonias e nos paizes intertropicaes fossem tratados separadamente por homens que tivessem auctoridade pela sua experiencia?

Julgastes que a medicina scientifica moderna deve o seu progresso incontestavel á especialisação, a essa divisão abençoada do trabalho, que creou ao lado dos nossos hospitaes, todos esses laboratorios, todos esses museus, que saudamos com enthusiasmo, como outros tantos focos de luz bemfeitora sobre a estrada em que se metteu a medicina. Entendestes que, se havia rasões para organizar congressos de clinica medica, de hygiene, de ophthalmologia, de medicina mental, etc., haveria mais rasão ainda para organizar um congresso internacional de medicina colonial. Comprehendestes immediatamente, sem nenhuma intervenção da nossa parte, toda a importancia de um tal congresso, tanto sob o ponto de vista da sciencia pura, como em relação aos interesses mais graves e mais caros do mundo civilisado.

Sob o ponto de vista da sciencia pura, porque a parte mais palpitante, a mais cheia de seiva, a mais interessante da sciencia medica, se acha na etiologia, isto é na doutrina das condições exteriores e interiores, ás quaes o organismo é submettido, e porque os medicos tendo exercido nas colonias e nos paizes intertropicaes, puderam contribuir mais do que outros quaesquer para se alargar o quadro dos nossos conhecimentos a este respeito.

Sob o ponto de vista dos interesses hygienicos e praticos, porque o bem estar da nossa velha Europa está ligado pelos

laços mais intimos ao bem-estar das colonias e dos paizes do ultramar, porque cada raio de luz que se produz em torno das questões de medicina e de hygiene colonial, deve servir ao bem-estar da metropole e da humanidade. Fostes, meus senhores, os nossos interpretes mais eloquentes, os nossos advogados mais entusiastas junto dos vossos governos, que por intermedio altamente apreciado e benevolo do nosso ministerio no estrangeiro, não hesitaram em enviar-nos objectos importantes para a nossa exposição colonial medica e em enviar-nos subdelegados officiaes para este congresso.

Finalmente viestes trazer-nos com o vosso concurso mais fraternal a vossa sympathia mais calorosa, e desde o primeiro momento em que encetámos a nossa obra, as *difficultades*, que ameaçavam surgir, foram aplanadas, e a preparação do congresso fez-se quasi por si mesma. Permitti-me, pois, ainda uma vez, meus senhores e carissimos collegas, que, desejando-vos a boa vinda em nome da *commissão organisadora*, vos diga que adquiristes o nosso sincero reconhecimento.

Não poderia dizer-vos, senhores, tudo o que sinto e experimento n'esta hora solemne, em que quizestes nomear-me vosso presidente, e conceder-me uma honra, de que me sinto tão pouco digno. Não temei contudo que vá occupar-me muito tempo de mim mesmo. Sómente isto.

Os livros mais antigos dos medicos Hindús abundam, assim como os livros mais modernos, em louvores ao medico, que sabe combinar de um modo perfeito a theoria com a pratica. Mas desgraçado d'aquelle, é assim que fallam o Charatra e o Susruta, a quem falta alguma d'essas duas condições essenciaes ao bom exito. Será como o soldado, que se assusta no momento da batalha, será como a ave que perdeu uma aza. Pois bem, meus senhores, n'este momento solemne, em que vou occupar a cadeira da presidencia, sinto-me como esse soldado, julgo ser essa ave. Todavia farei o melhor que poder; e se as forças me faltarem para desempenhar a tarefa, que quizestes confiar as minhas mãos, se sentir o temor apoderar-se

de meu coração, recorrerei á vossa benevolencia, que me dará coragem, ao vosso concurso, que me servirá de sustentaculo, á vossa sympathia, que tornará o meu encargo mais leve e não me permittirá tornar-me indigno do logar elevado, a que só ella me fez chegar.

Assim, pois, meus senhores, o congresso internacional dos medicos das colonias está constituido, a sua meza está formada, póde começar os seus trabalhos. Mas antes de os emprehender, não me levareis a mal, que vos retenha algum tempo.

A abertura de um congresso, como o nosso, não póde realizar-se, sem que o espirito seja tocado da grandeza e importancia da sua obra, sem que o coração seja commovido pelo facto de tantos hcmens illustres de nacionalidades tão differentes terem affluido das diversas partes do mundo, para nos fazerem gosar os fructos saborosos da sua intelligencia e do seu saber, para servirem de guia aos homens do poder e aos governos na execução d'essa tarefa difficil e delicada, de velar pelos interesses sanitarios das colonias e das metropoles. Filho adoptivo querido, e digno emulo, segundo esperamos, d'essa exposição internacional colonial, que somos orgulhosos de chamar nossa, este congresso se esforçará em pôr sob os olhos e ao alcance de todos, que se interessam pela sua obra, uma collecção tão completa quanto possivel dos dados necessarios para se julgarem essas grandes questões praticas de uma actualidade palpitante, como as quarentenas, a colonisação dos europeus nos climas intertropicaes, a educação especial dos medicos das colonias, e essas questões puramente scientificas e medicas, taes como as modificações produzidas pelos climas intertropicaes no estado pathologico, a phthysica nas colonias, o tratamento das doenças exoticas nos climas modernos. Procurará alargar as vistas, multiplicar os conhecimentos, abrir novas vias para o estudo e para o trabalho do espirito, ora fixando a attenção sobre questões de pathologia geral, ora sobre as que dizem respeito á hygiene, á pathologia especial e á therapeutica. N'uma palavra, o congresso, que acabamos de constituir não

quer nem mais, nem menos, do que expôr aos olhos do mundo scientifico um quadro fiel do estado actual da medicina colonial.

Como não nos havemos de sentir commovidos no momento da sua abertura? A carreira está aberta, os campeões mais nobres e mais distinctos vão entrar na lide, as idéas vão chocar-se, e á sombra das bandeiras desfraldadas da sciencia e da humanidade o combate intellectual vac empenhar-se. E no meio d'estes sentimentos de diversa natureza, de que somos assaltados, ha um que domina, é um sentimento de duvida, de hesitação, que nos faz perguntar, se a nossa obra será coroada de exito, e se este combate generoso, no qual estamos empenhados, poderá fazer saltar ainda que não fosse mais do que uma faisca d'essa verdade, que nós todos procuramos, e para a qual nenhum sacrificio é demasiado. Pois bem, senhores, affastemos dos nossos corações esse sentimento de duvida! O congresso ha de levar a bom exito a sua obra. Manter-se-ha á altura da sua tarefa. Tomará na historia dos congressos scientificos um logar digno ao lado dos congressos internacionaes medicos.

Permitti-me que vos diga o que me conduz a esse prognostico favoravel. Não são nem as minhas sympathias, nem o meu entusiasmo para a obra emprehendida, é uma reflexão de medico consciencioso, que se apoia sobre as bases solidas da experiencia. Cada reunião permanente ou temporaria de homens, que perseguem o mesmo fim fazendo convergir as suas acções e intenções n'um mesmo ponto culminante, como os raios luminosos convergem no sol, assemelha-se, sob quasi todas as relações, a um organismo vivo. O desenvolvimento harmonico, o crescimento regular, o bem estar dos organismos vivos, não poderiam ser alcançados, sem se dar um certo numero de condições, que se acham de um lado no proprio organismo, na sua disposição anatomica, na sua composição chimica e physica, nas qualidades e propriedades dos organismos de que descende em linha directa, n'uma palavra nas suas

forças interiores, e do outro lado no mundo exterior, no qual se acha collocado. A semente mais nobre e mais forte não poderia tornar-se na flôr mais brilhante e encantadora, sem o solo apropriado, sem o calor do sol, sem a chuva benefica, sem os cuidados incessantes, que lhe presta o jardineiro. Por outro lado se houver todas estas condições exteriores favoraveis, não apparecerá ainda nem planta, nem flôr, se a semente estiver deteriorada, se faltarem as suas forças interiores. Pois bem! se examinarmos com esta attenção escrupulosa, que nos é ditada pela nossa consciencia scientifica, as condições, em que se acha a semente, que confiamos agora á terra, não ha duvida possivel, devemos reconhecer, em alta voz, que todas as condições, tanto interiores como exteriores, para o crescimento, para o exito do nosso congresso estão preenchidas. Será preciso enumerar todas as condições interiores favoraveis ao bom resultado da nossa obra? Seria dar apparencia de lisonja e ostentação, se fallasse da vossa longa experiencia e dos vossos trabalhos altamente apreciados; mas não posso passar em silencio o vosso concurso sympathico e benevolo, e, referindo-me ás condições favoraveis interiores, tenho empenho em fazer sobresahir os laços de familia, que nos unem por um lado á associação medica hollandeza, e por outro lado á commissão executiva da exposição.

Sim, meus senhores, o nosso congresso descende em linha directa d'essa commissão, e se a piedade filial nos leva a agradecer-lhe de todo o nosso coração tudo o que ella fez de tão bom grado e com tanto desinteresse para o exito do nosso congresso, somos orgulhosos em podermos dizer que pertencemos a essa nobre raça, e podermos esperar, que o nosso congresso mostrará um pouco d'esse zelo infatigavel, d'essa dedicação completa, d'essa altura de vistas, de que a commissão deu tantas provas na execução da sua tarefa difficil e laboriosa. Que diremos das condições exteriores? Reunimo-nos sob a alta protecção de um rei esclarecido, que anima sempre a sciencia e as bellas artes. Os representantes do governo hol-

landez, Ss. Exs. os ministros, e o presidente honorario da exposiçãõ dignaram-se honrar esta sessãõ de abertura com a sua presença, e essa presença, testemunho eloquente do seu interesse nos trabalhos do congresso, que nós agradecemos cordialmente a Ss. Exs. ha de realçar-lhe o esplendor e a importancia. A vossa presença n'estes logares, Sr. burgomestre d'Amsterdam e senhores representantes communaes, mostra novamente, quanto vos empenhaes pelos interesses da sciencia em geral, e pelos da sciencia medica em particular, e o acolhimento hospitaleiro e esplendido, que nos prepara a municipalidade da nossa cara cidade natal, é uma prova irrecusavel, de que os seus melhores votos para o exito da nossa obra estão adquiridos. E depois reunimo-nos n'um momento, em que todo o mundo instruido e civilizado se occupa mais do que nunca de tudo o que se refere ás colonias e aos paizes do ultramar, e o nosso congresso tem as suas sessões nas salas de uma sociedade, sempre prestes a abrir as suas portas á sciencia com essa hospitalidade perfeita e soberba, de que não poderiamos apreciar assaz o merito e o encanto, e que, por tudo o que tem feito em prol das sciencias e das bellas artes, póde chamar-se com altivez: « Feliz por seus meritos », *Felix meritis*. Mas a todas estas condições exteriores favoraveis e de melhor agoiro, a esse sol brilhante, a todos esses cuidados interessantes do jardineiro, vem ajuntar-se uma outra, talvez a mais importante, a que deu a coragem á commissãõ organisadora de vos convidar para aqui, a que não cessou de a inspirar na sua obra. É a circumstancia, que a Hollanda póde chamar-se com orgulho a terra classica, a primeira que viu desabrochar a medicina colonial, e que por isso representa talvez o solo mais apropriado para o bom exito do primeiro congresso internacional dos medicos das colonias.

Prestemos a Cesar, o que lhe é devido ! Saudemos com reconhecimento a Hespanha e Portugal, como os paizes colonisadores mais antigos, e prestemos toda a nossa homenagem a esse nobre portuguez, Garcia da Orta, medico do vice-rei da

India, que n'um livro com rasão afamado, foi o primeiro que fez conhecer no meado do seculo XVI, em 1563, muitas plantas medicinaes das Indias orientaes, desconhecidas até então na Europa. Mas devemos convir immediatamente que esse livro, uma das grandes glorias da sciencia portugueza, esse livro, em que o auctor é o primeiro de todos os medicões europeus que nos dá uma descripção tão viva como correcta da cholera, não teria despertado a admiração da Europa inteira, se não tivesse sido traduzido de portuguez em latim. É a Carolus Clusius, um dos primeiros e mais sabios professores de botanica em Leyde, que pertence a honra de ter feito conhecer esse trabalho notavel ao mundo scientifico.

Alterou-lhe a fôrma, deixando-lhe intacto o fundo, ajuntou-lhe as suas proprias investigações, as suas descripções de plantas e raizes intertropicaes, trazidas para a Europa por Francisco Drake e outros, e foi devido a elle que o mundo inteiro ponde aproveitar as descobertas do celebre portuguez.

Mas para dizer toda a verdade, a obra de Garcia da Orta não é uma obra medica. É um livro de historia natural, de botanica medica. O seu auctor fornece-nos descripções exactas e claras de plantas medicinaes, que encontrou nas Indias orientaes. Se as suas propriedades therapeuticas o interessam mais, todavia só de passagem se occupa da medicina, e do mesmo modo que se occupa da historia d'esses paizes longiquos e de outras bellas coisas, que são dignas de serem conhecidas. Não nos dá nem um bosquejo das doenças proprias d'esses paizes intertropicaes, nem promenores, sobre todas essas questões etiologicas, que interessam o medico no mais alto gráo, o clima, a alimentação, a posição social, etc. O naturalista supplanta n'elle o medico. Mostra o caminho da medicina colonial, sem se metter n'elle. Os seus successores, principalmente os da peninsula iberica, Monardes, Christofel de Castro, Frajoso, Ximenes, etc., seguem-no na mesma via com uma coherencia inabalavel. E se publicam obras medicas propriamente ditas, obras classicas e admiraveis, sobre a medicina dos paizes intertropicaes, como o

fez no fim do seculo XVI o venesiano Prosper Alpini, professor em Padua sobre a medicina dos Egyptios, essas obras não se occupam das colonias propriamente ditas, mas dos paizes de climas intertropicaes, conhecidos ha muito tempo, descriptos pelos antigos, paizes em declinação, embora de passado illustre, e são antes obras que se ligam á historia da medicina, do que trabalhos, que, reunindo factos novos, venham alargar o horizonte acanhado dos conhecimentos medicos.

A honra dos primeiros trabalhos de medicina colonial estava reservada para os hollandezes do seculo XVII. Foi n'esse seculo, cuja lembrança faz bater mais apressadamente os nossos corações ; foi n'esse seculo, como o disse tambem o sr. Taine, que os hollandezes fizeram viagens de descoberta, fundação e conquista, que são tão bellas como os seus combates ; foi n'esse seculo que Leyde se tornou a escola mais afamada da Europa, enquanto a Hollanda era o primeiro dos paizes pensantes, e que as sciencias positivas encontraram aqui o seu solo nativo, ou a sua patria de adopção ; foi esse seculo que nos deu um naturalista como Swammerdam, um physico e mathematico Huygens, um microscopista como Leeuwenhoek, um medico como Boerhaave ; é esta era de gloria que nos dará tambem os primeiros auctores classicos de medicina colonial, que se dedicarão á obra com essa energia de que são temperados todos esses homens illustres, e com o auxilio da qual produzem trabalhos superiores cuja lembrança se não perderá jámais.

Bontius trata os seus doentes, regista os casos raros, faz autopsias numerosas, dá conselhos de hygiene publica aos homens do poder, faz uma collecção da flora e da fauna indianas, viaja pelas ilhas visinhas, Timor, Amboina, e, ganhando a sympathia dos homens do poder, desempenha funcções publicas, é nomeado bailio de Batavia e fiscal das Indias. Cria uma bibliotheca de todas as obras que se referem ás colonias, e durante a noite arranja as suas collecções, põe em ordem os seus manuscriptos, e confia ao papel n'um latim claro e clas-

depois da sua chegada ás Indias termina o seu trabalho classico: « *Methodus medendi in India* » que dedica á nobre companhia das Indias orientaes. Não se apressa em publical-o, está persuadido que prevenir as doenças vale mais do que cural-as; quer ensinar aos seus compatriotas que se estabeleceram em Java, o que tem de observar a proposito do clima, da alimentação, do exercicio, etc., para conservarem a saude, quer advertir os doentes e os convalescentes do que hão de evitar, para não serem arrebatados pelas doenças, e a 16 de Janeiro de 1631 acaba a sua obra, cuja fórma lembra as de Garcia da Orta e de Prosper Alpini, porque consiste em colloquios entre o auctor e seu amigo Andréas Dureus, mas cujo fundo é inteiramente novo. Todavia Bontius não ficou n'isto. O medico não matou n'elle o naturalista. Não esqueceu que seu pae foi professor de botanica, sabe o que deve a essa cara cidade natal, cujo jardim augmentam de dia para dia em importancia, e ao qual estão ligados os botanicos mais illustres, Dononaens, Clusius, Pavius. Sempre se applicou com predilecção ás sciencias naturaes, não pode estar em paz comsigo mesmo, sem ter dado uma descripção municiosa de todas as riquezas vegetaes, de que transbordam as Indias orientaes. Esperando o acabamento da sua grande obra sobre a historia natural das Indias, que tenciona illustrar com desenhos exactos do pintor Minten, envia a seu irmão Guilherme, justamente com as obras medicas e hygienicas, as suas annotações sobre a obra de Garcia da Orta, como para entrar em materia.

Bontius põe todo o seu trabalho intellectual á disposição de seu irmão. Como homem que sabe o que faz, que se glorifica com rasão de ter visto com seus proprios olhos tudo o que descreve, que tem em horror o ouviu-dizer, julga firmemente que as suas obras são dignas de serem publicadas. Mas se seu irmão julgar de modo diverso, se achar o estylo pouco polido, pede-lhe que queira guardar a sua obra litteraria como uma prova de sua affeição fraternal sem limites. Não foi dado a

Bontius ver a obra impressa, não lhe foi dado attingir o ideal dos seus sonhos, rever a patria, e occupar uma cadeira n'essa universidade, onde seus paes e seus irmãos tinham tido assento. No meio da sua carreira que se tornava de dia para dia mais brilhante, e que lhe predizia um futuro em harmonia com as suas faculdades, morre em Batavia, na idade de 39 annos, quatro annos apenas depois da sua chegada ás Indias, e alguns mezes depois da remessa das suas premicias scientificas. Não se pôde dizer, porque é que essas premicias saíram á luz só passados onze annos da sua morte, e porque é que as suas obras ineditas só foram publicadas quasi trinta annos depois. Mas o que salta aos olhos, lendo a sua biographia, é que a sua vida foi das mais bem preenchidas, e que desenvolveu, durante a sua estada de quatro annos nas Indias orientaes, uma assiduidade, um zêlo incomparaveis, faculdades excepçionaes.

Realmente se o nome de Bontius chegou á posteridade, foi em virtude d'essa estada e d'esses dons extraordinarios de espirito de que era dotado, e que lhe permittiram crear obras modelos sobre a medicina e a hygiene dos tropicos. Sim! obras modelos. Considerae o tempo em que o auctor escreveu, lembrae-vos de que as sciencias exactas n'esse periodo não eram ainda dignas d'esse nome, que a ignorancia, que o dogma, que a escolastica reinaram ainda na medicina, que Harvey acabava exactamente de descobrir a circulação do sangue, que Morgagni ainda não tinha creado a anatomia pathologica, e lêde com attenção no seu «*methodus medendi in India.*» os capitulos sobre o beriberi, sobre o cholera, sobre a dysenteria, sobre os tenesmos, sobre o tratamento dos abcessos do figado, do empyema, etc., e admirareis a exactidão das suas descrições e altura das suas vistas. Ajuntae a tudo isto as numerosas autopsias que faz, e de que dá noticia succinta e perfeitamente clara no seu pequeno ensaio sobre as causas das doencas epidemicas, febres, etc., que reinam em Batavia, e principalmente a alta cstima que professa pela hygiene, como

prova em cada pagina do seu pequeno livro, « *Sobre a conservação da saude nas Indias,* » e não hesitareis em juntarvos sem restricção alguma ao nosso compatriota o dr. Swaving, quando chama a Jacobus Bontius um medico eminente, que, esperando do estudo das sciencias naturaes o maior exito para a medicina e a hygiene, mostrou-se por isso mesmo um homem de um espirito superior e muito além do seculo em que viveu.

E que dizer dos serviços prestados por Bontius ás sciencias naturaes, ao conhecimento d'essa flora e d'essa fauna orientaes? Devemos convir que nunca poderiam ser apreciadas no seu justo valor, porque, exceptuando as suas annotações ao livro de Garcia, não houve conhecimento d'elles senão muito tempo depois da sua morte, e a mão piedosa, que conservou as suas contribuições numerosas para a posteridade, não teve a coragem de os desembaraçar das contradicções e repetições.

Concordemos que, taes como nos chegaram, conservam a impressão d'esse seculo, que se prestava tão facilmente á superstição e ao mysticismo, desde o momento que se tratava dos productos do ultramar, e talvez ainda mais a impressão do desejo que tinha o seu auctor de ser agradavel á nobre companhia das Indias orientaes, sociedade commercial antes que tudo, que desejava ardentemente mais que tudo, ouvir gabar os productos coloniaes, com que carregava a sua frota sempre crescente. Mas, fazendo abstracção d'esses lados desvantajosos, declaremolo bem alto, que tudo o que fez pela historia natural dos paizes intertropicaes constitue um novo titulo para a admiração e apreciação da posteridade reconhecida.

É, pois, principalmente como medico das colonias, como o primeiro auctor sobre a pathologia e a hygiene dos tropicos, que elle tem direito ás nossas homenagens as mais sinceras. É por causa dos seus meritos excepçionaes, que as suas obras foram publicadas mais de uma vez, em Leyde, em Amsterdam, em Paris, em Londres, em latim, em hollandez, em inglez, e que, no fim do seculo XVIII, o auctor de uma descripção medica de Batavia, que foi traduzida em allemão, não podia fazer melhor

do que reproduzir textualmente diversos capitulos do trabalho classico de Bontius.

Ao lado de Bontius nomeio Gulielmus Piso, homem de outra tempera, mas que não faz menos honra á nossa patria. Nascido em Leyde, filho de um musico allemão, que tinha vindo estabelecer-se n'esta cidade, pertencendo provavelmente a essa familia franceza ie Pois, de que foram membros Charles e Nicolas le Pois, celebridades medicas dos seculos XVI e XVII matricula-se como estudante de medicina em Leyde, como Bontius, na idade de 12 annos, e segue os cursos de Heurnius e de Screvelius, depois vae para França, e especialmente Caen (Normandia), onde foi formado doutor em medicina aos 22 annos de idade. Dos 26 para os 27 annos foi chamado pela companhia das Indias Occidentaes para se juntar ao conde João Mauricio de Nassau, no Brasil, como medico ordinario. Este general intrepido, este grande homem politico, este amigo das sciencias e das artes, nomeado governador do Brasil, tinha ido para lá acompanhado por um medico, Willem Milaenen, que falleceu pouco tempo depois da chegada. Era Piso que o ia substituir. A distincção era muito elevada porque elle ia ter com João Mauricio, não só na qualidade de medico ordinario, mas ainda como archiatro, isto é, como chefe do serviço medico nas Indias occidentaes.

N'este tempo, na joven republica, não se faziam as coisas em meio. Piso desejava ardentemente que a missão medica, que lhe iam confiar, pudesse tambem aproveitar ás sciencias naturaes, e, por intervenção dos srs. Conradi Burg e João de Laet, foi acceita a sua proposição de organizar uma expedição scientifica, ao Brasil, Organizando essa expedição scientifica a primeira emprehendida por um paiz europeu, Piso teve a felicidade, não só de contratar um pintor habil, mas tambem reunir a si dois homens da sciencia, ambos candidatos em medicina e estudantes em Leyde. Um era Jorge Marckgraf, astronomo consumado, mathematico distincto, geographo excellento, versado na botânica e na zoologia; o outro, Henrique

Cralitz, cujos estudos faziam tambem esperar um brilhante futuro. No momento da sua partida para o Brasil, Piso teve a satisfação de lhe serem feitos os melhores votos, pela sua prosperidade e pelo bom exito da sua obra, n'um adeus poetico do nosso grande poeta Vondel. Estes votos foram attendidos. Voltou passados seis ou sete annos de ausencia, em 1644, são e salvo, com o seu protector o conde João Mauricio e regosijou-se cordialmente pelas honras que foram dispensadas a este ultimo, dando-se-lhe o sobrenome de americano, preparando-se-lhe ovações publicas em Haya, Leyde, etc. Certamente não presumia elle, que viria um tempo em que o exito da expedição politica e militar de João Mauricio no Brasil seria aniquilado, emquanto que o seu proprio exito não perderia em nada o seu fulgor. E todavia assim succedeu.

A joven republica hollandeza viu-se constrangida, em 1661, a restituir o Brasil a Portugal, mas a gloria da expedição scientifica ao Brazil não se empanou até hoje. Mas o nome de João Mauricio fica irrevogavelmente ligado a esta gloria. Pois foi em virtude da sua generosidade que Piso poudé publicar a sua obra *Brasilia medica et naturalis*, na qual registou todas as suas observações medicas, e todas as suas explorações nos dominios da historia natural, que tinha emprendido só, ou em commum com o infatigavel Marckgraf, cuja lembrança ficará cara á posteridade reconhecida, não só por causa da importancia dos seus trabalhos, mas principalmente pela sua dedicação desinteressada, que o fez perecer na costa da Africa oriental, onde tinha ido completar as suas explorações scientificas.

Tendo-se repatriado Piso fica ainda ligado durante alguns annos ao serviço do seu protector.

Depois estabelece-se em Amsterdam, casa-se e torna-se bem depressa um dos medicos mais distinctos e mais procurados. Chamado umas vezes para consultas em casos difficeis, outras vezes para exercer funções honorificas, como a de inspector do collegio medico e deão d'este collegio, é amado pelos

collegas, procurado pelos lettrados, honrado pelos concidadãos. Mas, ou porque a sua saúde soffresse, ou porque fosse d'aquelles que esgotam todos as suas faculdades intellectuaes n'uma só obra, á qual se entregam inteiramente, fica perdido para a sciencia desde a segunda edição do seu trabalho sobre a historia medica e natural das Indias occidentaes. Posto que ainda vivesse mais vinte annos, ainda que estivesse então no meiado da idade viril, não escreveu mais nada, e poz-se de tal modo á sombra, que só n'estes ultimos tempos consegui saber a data da sua morte.

( Continúa )

---

## HYGIENE

---

DECRETO N. 9093 — DE 22 DE DEZEMBRO DE 1883.

Dá regulamento para o laboratorio de hygiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Attendendo á proposta do director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Hei por bem Approvar o regulamento para o laboratorio de hygiene da mesma Faculdade, que com este baixa, assignado por Francisco Antunes Maciel, do Meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, que assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro em 22 de Dezembro de 1883, 62º da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.

*Francisco Antunes Maciel.*

---

Regulamento a que se refere o Decreto n. 9093 da presente data

Art. 1.º O laboratorio de hygiene da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro é destinado não só á instrucção pratica dos alumnos da cadeira de hygiene da mesma Faculdade, como ás

analyses e exames de bebidas e substancias alimentares e de quaesquer objectos cujo uso interesse á saude publica.

Art. 2.º O serviço começará ás 10 horas da manhã e findará ás 3 da tarde em todos os dias que não forem de guarda ou feriados. Poderão entretanto ser prorogadas as horas de trabalho, por urgencia do serviço.

Art. 3.º O pessoal do laboratorio de hygiene se comporá de um inspector; de um preparador; de dous ajudantes do preparador; de um conservador; e de dous serventes.

Parapho unico. Emquanto o Poder Legislativo não resolver sobre a creação do logar de inspector, a direcção do laboratorio ficará a cargo do preparador da cadeira de chimica mineral da referida Faculdade.

Art. 4.º O inspector fornecerá tudo o que fôr necessario ás pesquisas que para a instrucção pratica dos alumnos hajam de fazer-se no laboratorio, bem como ás analyses que incumbem aos chimicos da Junta Central de Hygiene Publica, os quaes terão exercicios no mesmo laboratorio, sob as vistas do mencionado inspector.

Art. 5.º Nenhum exame ou analyse tendente á instrucção dos alumnos será executado pelo adjunto do lente de hygiene e pelo preparador do laboratorio e seus ajudantes, sem que preceda indicação do dito lente.

Art. 6.º Exclusivamente ao inspector compete, com o preparador e seus ajudantes, proceder aos exames e analyses determinados pelo Governo ou pedidos por particulares.

Art. 7.º Si afflirem trabalhos particulares de analyses, reconhecida a insufficiencia do referido pessoal, poderá o inspector, ouvido o director da Faculdade, admittir profissionaes idoneos para auxiliarem os mesmos trabalhos.

Art. 8.º A escripturação do laboratorio ficará a cargo do conservador.

Sempre que o serviço o permittir, poderão os ajudantes do preparador ser empregados nos trabalhos de escripta.

Art. 9.º E' vedado aos empregados do laboratorio, sob pena de demissão, ter parte em qualquer especie de commercio ou industria que possa tornar suspeita a sua imparcialidade ou independencia; bem assim fazer qualquer analyse por conta de particulares, fóra dos casos previstos neste regulamento.

Art. 10. Até o dia 15 de Março de cada anno o inspector remetterá ao director da Faculdade, para ser presente ao Ministro de Imperio, um relatorio geral e estatistico dos trabalhos a seu cargo.

Art. 11. As analyses serão qualitativas ou quantitativas.

Serão gratuitas as analyses qualitativas.

As quantitativas serão feitas segundo as taxas constantes do art. 18.

Art. 12. O interessado deverá entregar ao conservador do laboratorio uma amostra da substancia que tiver de ser analysada, indicando a especie de analyse que deseja; e declarando seu nome, profissão e residencia, bem como o nome, profissão e residencia do fabricante ou do negociante de quem houve a dita substancia.

Art. 13. As amostras depositadas serão inscriptas sob um numero de ordem pelo conservador do laboratorio em um livro de talão, e ao depositante se dará um recibo em que apenas se indicará o numero da amostra.

Art. 14. O inspector fixará o tempo necessario para cada analyse, podendo exigir nova amostra da substancia, si esta se houver alterado.

Art. 15. Quando se tratar de uma analyse qualitativa, ao depositante será entregue, á vista do recibo de que trata o art. 13, uma nota declarando que a amostra depositada sob o numero indicado no mesmo recibo foi julgada boa, má ou falsificada.

Art. 16. A'quelle que houver pedido uma analyse quantitativa, satisfeito previamente no laboratorio o pagamento da taxa respectiva, se entregará, tambem á vista do competente recibo, uma nota em que serão declarados os resultados da analyse.

Art. 17. Nos talões correspondentes aos recibos das substan-

cias depositadas se inscreverá o resultado, quer das analyses qualitativas, quer das quantitativas.

Quando se verificar falsificação ou fraude, os resultados serão communicados á Junta Central de Hygiene Publica, com os esclarecimentos necessarios afim de que possa proceder como no caso couber.

Art. 18. A retribuição das analyses quantitativas é fixada pelo modo seguinte :

*Taxa de 5\$000*

Dosagem do chumbo no vasilhame estanhado.

Sal de cozinha (dosagem da agua e saes estranhos).

Investigação dos metaes toxicos em todas as materias alimenticias, brinquedos, papeis pintados e tapeçarias, etc.

Agua (analyse hydrotimetrica—residuo total).

Assucar, glycose, melaço, mel.

Alcool (dosagem dos alcools estranhos).

*Taxa de 15\$000*

Café (determinação das cinzas, da chicorea, do feijão, do milho, e das materias empregadas para dar-lhe brilho e augmentar-lhe o peso.

Vinagre (dosagem dos acidos estranhos).

Ovos (investigação das materias que servem para a sua conservação).

Gorduras, manteiga e queijos.

Vinho, cerveja, cidra, licores (dosagem do alcool, dos extractos, das cinzas, exame polarimetrico e investigação das materias corantes estranhas).

Leite e creme.

Pão e farinhas (mistura das farinhas).

Oleos comestiveis.

*Taxa de 24\$000*

Xaropes e doces de conserva.

Productos de confeitaria e de pastellaria.

Fructas seccas e confeitadas.

Chocolate, cacão.

Extractos de carne, conservas de peixe.

Chá, mate, tubaras, especiarias diversas.

Art. 19. Para a escripturação das despezas do laboratorio, além de um livro de talão das guias de remessa de valores ao Thesouro Nacional e dos mais que forem indispensaveis, todos numerados e rubricados pelo inspector, haverá um livro em que se inscreverão as entradas das taxas de que trata o artigo anterior.

Art. 20. As referidas taxas serão recebidas pelo conservador, que passará recibo extrahido de um livro de talão, sendo o recibo numerado e rubricado pelo inspector.

Art. 21. Logo que forem recebidos, serão os valores recolhidos pelo conservador a uma caixa, cuja chave ficará sob sua guarda.

Art. 22. No ultimo dia util do mez se dará balanço á caixa na presença do inspector, e em seguida se recolherá ao Thesouro Nacional, com uma guia extrahida do livro de talão de que trata o art. 19, a importancia das taxas depositadas.

O conservador assignará a guia, e a guardará com o competente recibo.

Na mesma occasião o inspector enviará ao director da Faculdade um quadro demonstrativo do movimento da caixa.

Palacio do Rio de Janeiro em 22 de Dezembro de 1883.—  
*Francisco Antunes Maciel.*

Ministerio dos negocios do imperio.—1.<sup>a</sup> directoria.—Rio de Janeiro em 15 de Janeiro de 1884.

Transmitto a V. S., para a devida execução, na parte que lhe toca, o incluso exemplar do regulamento annexo ao decreto n. 9093 de 22 de Dezembro ultimo, concernente ao laboratorio de hygiene da Faculdade de medicina do Rio de Janeiro.

Achando-se constituido o centro, de que tanto se carecia, para as pesquisas relativas á saude publica, devo chamar a

atenção de V. S. para a momentosa necessidade de fomentarem-se os trabalhos de analyses que incumbem aos chimicos da junta central de hygiene publica, de modo que se satisfaçam os intuitos com que o regulamento n. 8387 de 19 de Janeiro de 1882 procurou acautelar os graves interesses que se prendem a alimentação publica.

Assim cumpre que, em conformidade do § 8º do art. 16, do § 3º do art. 31 e dos arts. 78, 79 e outros do citado regulamento n. 8387, os membros da junta e das commissões sanitarias inspeccionem as bebidas e generos alimentares, bem como quaesquer objectos cujo uso possa interessar á saude publica, obtendo os artigos suspeitos afim de serem examinados pelos referidos chimicos.

Nestas diligencias convem que, além das já preceituadas no mesmo regulamento, se observem as regras seguintes :

Serão provisoriamente apprehendidos, entendendo-se a autoridade sanitaria com a competente autoridade policial e municipal, os generos insalubres ou falsificados e os objectos destinados aos usos ordinarios da vida, em cuja composição se houverem introduzido substancias damnosas á saude ;

Das substancias falsificadas ou que se presumirem taes serão apprehendidas duas amostras, e, quando for possivel, igual numero de amostras das materias que servirem para a falsificação ;

Estas amostras serão fechadas, lacradas em presença do proprietario ou do seu representante, que assignará o nome no envoltorio, sendo tudo entregue no mesmo dia, ou, não sendo possivel, no seguinte, no laboratorio de hygiene, aos chimicos da junta, e fazendo-se a V. S. a communicacão circumstanciada do occorrido.

, Deus guarde a V. S.—*Francisco Antunes Maciel*.—Sr. presidente da junta central de hygiene publica.

## REVISTA DA IMPRENSA MEDICA

---

VALOR THERAPEUTICO DA CHRYSAROBINA E DO ACIDO PYROGALLICO. — O Dr. Unna, baseando-se nas observações de Morrow, de Nova York, de Sessemann, de São Petersburgo, e em sua propria experiencia, estabelece as seguintes theses :

1.<sup>a</sup> A chrysarobina é o mais efficaz de todos os medicamentos até hoje empregados contra as fórmãs rebeldes e inveteradas da psoriasis;

2.<sup>a</sup> A pelle de alguns individuos, com especialidade a das creanças, é sobremodo sensivel á acção da chrysarobina, de sorte que, em via de regra, é conveniente fazer-se um ensaio prévio em uma pequena superficie e dóse antes de applical-a em uma grande extensão.

A chrysarobina é contra-indicada, e deve ser substituida pelo naphтол, quando trata-se do rosto ou do couro cabelludo, pois que ella determina conjunctivites e altera a côr dos cabellos.

3.<sup>a</sup> Por mais surprehendente que seja o effeito da chrysarobina nos primeiros dias, convem insistir na applicação durante 4 ou 6 semanas, em doses sempre crescentes, para o fim de evitar as reincidencias da affecção, que, nestes casos, sóem ser limitadas e faceis de combater;

4.<sup>a</sup> De qualquer modo que seja applicada, a chrysarobina é absorvida e elimina-se pelos rins, inalterada em parte, em parte oxidada sob a forma de acido chrysophanico, pelo que ainda se não pôde estabelecer os verdadeiros limites entre seus effeitos locais e geraes;

5.<sup>a</sup> A chrysarobina dá á pelle sã a côr dos indios americanos, e ás unhas e cabellos uma coloração superficial vermelho-escuro, que desapparece gradualmente com a descamação. As partes cutaneas affectadas que descamam-se facilmente, destacam-se por sua côr clara das sãs ainda não descamadas;

6.<sup>a</sup> A chrysarobina provoca frequentemente, porém não sempre, phenomenos de irritação da pelle sob a fórmula de ery-

thema, acne, furunculose e mui raras vezes inflamações, o que é facilmente combatido pelo uso diario dos banhos sulfurosos ;

7.<sup>a</sup> Contra a psoriasis generalisada a formula mais proveitosa é a gelatina glicerinada, com 5 ou 10 por cento de chrysarobina, que não deve ser applicada na região genital, nem na cabeça, podendo então ser substituida por uma pomada de naphthol a 2 por cento.

Na psoriasis circumscripta, porém, é mais conveniente usal-a associada ao collodio com 10 ou 20 por cento. Para pontos isolados do couro cabelludo é preferivel a chuva de ether chrysarobinado (chrysarobina 2 decigrammas, — ether 100 grammas, — cêra amarella 3 decigrammas) ;

8.<sup>a</sup> A chrysarobina presta egualmenté bons serviços contra o eczema marginado, o herpes tonsurante e contra todas as affecções hemorrhoidaes ;

9.<sup>a</sup> O acido pyrogallico não participa das proprieades inflammatorias da chrysarobina, pois que obra contrahindo os tecidos, como hemostatico, e favorecendo a cicatrização ;

10.<sup>a</sup> O acido pyrogallico produz uma coloração escura, de modo que póde ser applicado sobre o couro cabelludo das pessoas de cabellos pretos, porém não sobre o rosto ;

11.<sup>a</sup> O acido pyrogallico deve ser empregado sómente nas affecções circumscriptas, e ainda com grandes precauções, pois que, sendo absorvido, constitue um veneno energico, mortifero, até, em doses elevadas.

12.<sup>a</sup> Em compensação, porém, presta relevantes serviços nas infiltrações circumscriptas, luposas e syphiliticas, nas proliferações epitheliaes cancroides e benignas, como tambem na cura das ulceras.

Na psoriasis circumscripta, applicado em doses elevadas obra quasi tão promptamente quanto a chrysarobina ;

13.<sup>a</sup> O melhor meio de prescrever-se o acido pyrogallico é associado á pomada de vaselina (10 por 100) ou em uma solução alcoolica, na mesma porporção.

Não sendo possível se conservar por muito tempo sem que se oxide, elle deve ser prescripto em pequena quantidade, de sorte que o paciente tenha-o sempre recentemente preparado.

(*Monatshefte für praktische Dermatologie*).

ERUPÇÃO ERYTHEMATOSA DETERMINADA PELO CHLORATO DE POTASSIO.—O Dr Henry Stelwagon, medico do dispensario das molestias da pelle, em Philadelphia, consigna uma erupção observada em um syphilitico, porém que elle julga poder attribuir ao chlorato de potassio.

Trata-se de um homem no segundo periodo da syphilis e submettido desde alguns mezes ao tratamento mercurial.

Tendo-lhe sobrevindo placas mucosas na bocca, foi elle submettido á cauterização das placas pelo lapis de nitrato de prata e ao uso de pastilhas de chlorato de potassio. Quatro dias depois este homem voltou á consulta com uma erupção papulo-erythematoso, de um vermelho vivo, sobre a fronte e o pescoço, e sobretudo bem acentuada na parte superior do dorso. Não havia symptomas subjectivos. A erupção apresentava o aspecto geral do erythema polymorpho. A idéa de attribuil-a ao chlorato de potassio não occorreu-lhe immediatamente. Ter-se-hia accusado o mercurio, se o doente não estivesse em uso delle, desde alguns mezes já, sem accidentes, e em mui pequenas doses.

As placas mucosas cedendo rapidamente ao tratamento, o chlorato de potassio foi suspenso. A erupção desapareceu dois dias depois. Seis semanas mais tarde, novas placas mucosas. O mesmo tratamento é novamente instituido, e, passados tres dias, o doente reaparece com uma erupção, apresentando os mesmos caracteres e occupando os mesmos pontos que a primitiva. O chlorato de potassio, suspeito desta vez foi immediatamente suspenso, e, em menos de 48 horas, a erupção havia desaparecido.

Mais tarde, a pedido do Dr. Stelwagon, o doente tomou por duas vezes chlorato de potassio, e duas vezes a erupção reapareceu.

As pastilhas eram de 20 centigrammas, e eram necessarias de 14 a 20 para determinar a erupção.

O Dr. Stelwagon não hesita, pois, em attribuir este erythema ao chlorato de potassio, e, lembrando que este medicamento é, ás mais das vezes, associado ao mercurio no tratamento da syphilis, quer para combater as placas mucosas, quer para modificar e diminuir a acção do mercurio sobre a mucosa buccal, pergunta se não é elle que deve ser accusado da maior parte das erupções, algumas vezes attribuidas ás preparações mercuriaes.

(*Medical Record*, New-York, July 21, 1883).

**MICROBIOS DO JEQUIRITY.**—Em uma das ultimas sessões da Sociedade de biologia, apresentou o Sr. Cornil, os resultados dos seus estudos feitos sobre esta planta da nossa flora. O resumo desta communicação é o seguinte:

O Sr. Cornil expõe, em seu nome e em nome do Sr. Berlioz, os primeiros resultados das experiencias que teem feito sobre o jequirity, planta cuja maceração fria ao ar livre é empregada pelos oculistas para produzir inflamações substitutivas, nos casos de trachoma, de pannos, de conjunctivite granulosa, etc.

As experiencias foram feitas em coelhos, porquinhos da India e rãs.

Quando se injecta debaixo da pelle d'esses animaes. uma pequena quantidade de maceração de jequirity, provoca-se um phlegmão, que acaba sempre por suppurar e chega, ás vezes, até á gangrena. Porém, só a primeira injectão é que é nociva; pois pode-se injectar depois, nos inoculados uma vez, uma quantidade de maceração de jequirity dez vezes maior do que a primeira, sem que sobrevenham outros accidentes. Ha uma especie de vaccinação.

Em uma outra serie de experiencias, injectando-se no peritoneo e na pleura 1 2 ou 1/4 de cent. cubico da solução microbiana, determinamos uma peritonite ou uma pleuresia, existindo em ambos os casos microbios em todo o sangue. Na rã, basta

injectar no peritoneo um quarto de gotta para que se produza uma affecção tão septica que todas as partes do organismo ficam invadidas por milhares de microbios. Quando se injecta em uma outra rã uma gotta de sangue da primeira, tambem tem logar a reproducção e generalisação rapida dos microorganismos.

A solução microbiana do jequirity é, pois, absolutamente toxica para os animaes de sangue frio.

O cão parece tambem muito sensivel ao jequirity; o Sr. Cornil injectou seis gottas de solução em dous cães; sobrevieram phlegmões intensos e graves accidentes geraes.

Desde que são injectados na economia, os microbios do jequirity se eliminam pelas urinas e pelas materias fecaes. O factó foi verificado em coelhos e em rãs. No porquinho da India existe uma outra via de eliminacão: os microbios sahem pela pelle. Quando se faz uma injectacão em uma cobaya, apparecem pequenas gottas de serosidade na superficie da pelle, ao redor da picada, e o pello cahe com o menor puchão, sem a menor dôr. Nos córtes da pelle feitos nesse nivel, e principalmente na bainha dos folliculos pilosos, é facil verificar que existe grande quantidade de microbios.

O Sr. Boley diz que só a solução de jequirity é que é toxica, a semente é inoffensiva. Eis uma confirmacão das theorias do Sr. Pasteur. Uma nova molestia vai poder desenvolver-se porque o microbio que é o agente d'ella achou um centro de cultura favoravel, na planta que nos veio do Brazil, com o nome de *jequirity*.

Já fez o Sr. Cournil com esta substancia experiencias em alguma pessoa?

O Sr. Cornil responde que ha dias injectou, em um moço que tem uma placa de lepra, gotta e meia de uma solução *fraca* de jequirity: houve um pouco de febre e uma leve inflamacão. Ao nivel da picada existe uma erosão superficial e, como no porquinho da India, brotaram ao redor do logar picado algumas gottas de serosidade, porém o mais curioso é que não se

encontrou n'esta sorosidade senão microbios da lepra, e nem se quer um só microbio do jequirity.

(*União Medica*).

TRATAMENTO DA LUPIA PELAS INJECCÕES DE ETHER.—No ultimo numero do *Bulletin général de therapeutique* o sr. Marcel Lermoyez, interno no hospital de S. Luiz, apresentou um interessante estudo sobre o assumpto, que dá o titulo a este artigo.

Vamos resumir rapidamente o que alli lemos :

São dois os principaes methodos, até aqui empregados, no tratamento da lupia : a extirpação pelo bisturi e a destruição pelos causticos.

O bisturi opera rapidamente, deixa uma cicatriz linear pouco visivel, quando a reunião se faz por primeira intenção, mas tem o inconveniente de expor á erysipela, que é frequente e grave, quando a operação é feita na face, ou no couro cabeludo.

Os causticos, cuja efficacia se não póde contestar, operam o seu bom effeito destruindo a membrana conjunctiva, que fórma a parede dos kystos. O seu emprego offerece tres inconvenientes principaes : dor violenta, lentidão da cura, difformidade da cicatriz.

Recommenda-se, quando se usa a cauterisação, limital-a o mais possivel, e que se consegue pelos conhecidos processos de Panas e de Fort.

Basta effectivamente que o caustico toque em um ponto da parede do kysto, para que a inflammação e a suppuração eliminadora se estendam a toda a membrana kystica.

As injecções intersticiaes nos kystos, preconisadas por Gornard-Chantereau, em 1879, foram successivamente empregadas por outros cirurgiões, que n'ellas têm feito uso do chloreto de zinco, acido chlorhydrico, solução de tartaro estibiado, etc.

Ultimamente Vidal tem feito injecções intersticiaes com ether e são já numerosos os casos e algumas vezes, em tumores volumosos, em que tem colhido resultado. O ether actúa aqui á semelhança dos causticos, mas menos violentamente do que

elles, inflamma o kysto, determina a suppuração e com ella a destruição do tumor.

Talvez que opere tambem por uma acção dissolvente especial sobre o contheúdo do kysto, em que existem elementos soluveis n'aquelle liquido, como são as materias gordas, os crystaes de cholesterina, etc.

A acção do ether é perfeitamente localisada e não muito dolorosa, ao contrario do que vulgarmente succede com as injecções hypodermicas d'este medicamento.

Recommenda-se que o ether seja muito puro a 65°, a principal impureza que de ordinario contém é o alcool, que attenua o effeito da injecção.

Faz-se esta com a seringa de Pravaz.—Vidal recommenda que nas lupias da face, ou da fronte, cujo volume não exceda o de uma avellã, se empreguem cinco a seis gottas.

Quando se injecte uma quantidade superior a esta produzir-se-ha uma tensão bastante dolorosa no sacco kystico.

Em geral o numero das injecções é variavel, bem como o numero de gottas, que se injectam, em cada sessão e a linha de conducta está subordinada á marcha dos factos.

O manual operatorio é o seguinte: Fixa-se o tumor com a mão esquerda, apertando-o ligeiramente junto da base, para tornar visiveis os orificios glandulares, escolhe-se entre estes o mais dilatado ( que algumas vezes se mostra negro, ou coberto por uma crôsta negra ), e por elle se introduz a canula da agulha.

Antes de impellir o embolo, dá-se á agulha um movimento de vai-vem, que tem as seguintes vantagens: fazer conhecer se a agulha entrou ou não na cavidade do hysto; dissociar a materia sebacea, preparal-a a receber o ether em todas as suas partes e dilacerar a parede kystica, em alguns pontos, favorecendo, de um modo incontestavel, a sua eliminação ulterior.

O ether é injectado gotta a gotta e, á medida que penetra no tumor, este tumefaz-se visivelmente.

Feita a injecção retira-se a seringa e applica-se sobre o

orificio o index esquerdo, para evitar a sahida do agente medicamentoso. Continuam-se nos dias seguintes e pelo mesmo processo as injeccões, que serão suspensas logo que o tumor comece a engrossar, tornar-se liso e rubro dando ao doente uma ligeira sensação de latejar ou de tensão, que não chega comtudo a produzir cephalalgia.

Quando as cousas estão n'estes termos fura-se a base do tumor e pelo orificio sae um jacto de pús, liquido seroso e a materia propria do kysto.

E' do sexto ao oitavo dia que se dá a evacuação nos tumores de volume medio; continúa ella nos dias seguintes, até que não havendo nada mais para sahir fica um pequeno *caroco* duro, lenticular, sem vestigio do orificio por onde se fez a eliminação.

Este resultado é completo no fim de quinze a vinte dias.

(*Correio Med. de Lisboa*)

O MECANISMO DA DEGLUTIÇÃO.—O acto da deglutição, que é da observação de todos os dias e se executa de um modo tão typico, tem até hoje ficado desconhecido nas suas partes essenciaes, de modo que nem ainda se respondeu á questão de saber quanto dura a passagem do bolo alimentar levado desde a pharynge até ao estomago. Depois que as experiencias de Falk e Kronecker fizeram conceber a opinião que na deglutição dos liquidos não existem movimentos peristalticos do esophago, Kronecker e Meltzer fizeram experiencias mais precisas no homem. Ao primeiro dos autores foi introduzida no esophago uma sonda esophagiana, a cuja extremidade cega estava ligado um balão de cautchuc; a extremidade aberta foi posta em communicação com um tambor registrador de Marey. Um segundo balão, fixado a uma curta sonda, foi introduzido na pharynge e egualmente estava em communicação com uma segunda alavanca de Marey, escrevendo no mesmo cylindro que a do primeiro balão. Em cada deglutição era comprimido primeiro o balão da pharynge, que pelo apparelho de communicação traçava uma curva no cylindro. Seguia-se a compressão do balão esophagiano e uma segunda curva era desenhada. A

distancia das duas curvas deixava medir facilmente o tempo da propagação da deglutição desde a pharynge até ao ponto em que estava o balão esophagiano.—As experiencias assim praticadas mostraram que não é peristaltico o movimento que determina a deglutição pelo esophago, porque o tempo durante o qual se faz a passagem do bolo desde a pharynge até ao ponto mais profundo do esophago não excede 0,1 segundo. Na deglutição devem-se conceber as cousas por este modo: pela pressão da ponta da lingua sobre a abobada palatina é impedida a saída para deante; depois contraem-se os musculos mylohyoideus e, submettida a massa a deglutir a uma alta pressão, é deslocada para o ponto de menor resistência, isto é para traz. Quasi ao mesmo tempo começam a contrair-se os musculos hyoglossos e collocam a superficie livre da raiz da lingua, que no repouso é dirigida para cima e para traz, na direcção para traz e para baixo, sobre a epiglote, que por este modo fecha mecanicamente a larynge. O rapido estreitamento do espaço entre os mylohyoideus e o palatino eleva ahí a pressão de um modo rapido. Este effeito é augmentado pela contracção dos musculos hyoglossos, pela qual a lingua se move para traz e para baixo. Assim os alimentos molles, como os liquidos, são ejaculados para o esophago e até ao estomago, antes de poderem ser aproveitadas as contracções dos musculos da pharynge e do esophago: os restos de alimentos, que podem ficar adherentes ás paredes da pharynge, são injectados pela subsequente contracção dos constrictores, de um modo correspondente á contracção lenta d'estes musculos.—Demonstrado pois que sem movimentos peristalticos o bolo alimentar é profundamente injectado no estomago, pergunta-se: a injeção faz-se até dentro do estomago? O cardia offerece algum impedimento?—Se se ausculta o homem no epigastro, e melhor ao lado do appendice xiphoideu, ouve-se, como Meltzer achou, na maior parte dos casos 6—7 segundos depois do começo da deglutição, um ruido longo, mais ou menos distincto, como se ar ou liquido passasse com esforço atravez d'um sphincter: *ruido de*

*pressão*. Em menor numero de casos ouvia-se logo depois do primeiro momento da deglutição um ruído sibilante distincto, que impressionava como se todo o liquido deglutido fosse injectado no estomago sem que nada o impedisse: *ruído d'injecção*. Quando era muito distincto este ruído, faltava o primeiro. Só em poucos casos faltaram ambos. D'estas e d'outras experiencias de auscultação do cardia tiraram os AA. as seguintes conclusões: primeiro que é provavel que o cardia no homem esteja normalmente fechado; segundo, com alguma segurança, que o bolo alimentar não é immediatamente injectado no estomago, mas demora-se normalmente acima do cardia e só é levado ao estomago pelos movimentos peristalticos.

Os phenomenos até aqui descriptos apparecem no decurso de uma deglutição. Porém os AA. tambem procuraram como pelas reflexas se formam os phenomenos de *somma* (Summation) de uma serie de deglutições. Acharam que, produzida cada deglutição, ha um phenomeno energico de paragem (Hemmung, arrêt) no centro nervoso; que depois, quando se prepara uma segunda deglutição, a segunda irritação motora só é expedida quando tem cessado o movimento que se segue á primeira. Quando se deglutem bebidas contendo acido carbonico, frequentemente apparece já depois da quarta deglutição uma contracção longamente persistente do esophago, uma caimbra, que não pode ser impedida por frequentes deglutições. Em deglutições repetidas com intervallos mais curtos do que o tempo desde o começo da deglutição até á primeira contracção do cardia (no coelho 2 segundos), a contracção do cardia só vem depois da ultima deglutição. A contracção do cardia, que apparece em taes condições, é muito mais forte e dura mais tempo do que a contracção depois d'uma deglutição. (*Dubois-Reymond's Archiv. Physiol.—Deutsch. Mediz.-Zeit.*)

---

## NOTICIARIO

FACULDADES DE MEDICINA. — Por aviso do Ministerio do Imperio foram suspensos até ulterior decisão todos os concursos a logares vagos nas Faculdades de Medicina

—Por despacho de 31 do Dezembro foi concedida a jubilação que pediu o conselheiro Dr. Manoel Maria de Moraes e Valle no lugar de lente da cadeira de chimica medica e mineralogia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com todos os vencimentos.

Foi tambem concedida a jubilação que requereu o conselheiro Dr. Domingos Carlos ds Silva, lente de pathologia cirurgica da Faculdade da Bahia.

Foi nomeado lente da cadeira de chimica medica e mineralogia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o Dr. Augusto Ferreira dos Santos, substituto da mesma Faculdade.

CHROMATOSCOPIO.—O nosso collega, Dr. Ribeiro dos Santos, inventou um aparelho, a que deu o nome de *chromatoscopio* e que é destinado a apreciação da achromatopsia, principalmente do scotoma central, para as côres que se considera como um symptoma importante, nos casos de amblyopia nicotinicã e alcoolica.

Este curioso aparelho, construido por *Cretes*, é assim descrito pelo seu inventor: «Compõe-se de um disco, a que se pôde imprimir movimento de rotação, coberto de papeis côrados, que apparecem alternadamente por detraz d'uma abertura de 12 millimetros; as côres são: o branco, vermelho, verde, azul em dois tons: um claro, outro carregado; é de face dupla, para que o seu observador julgue do seu lado a côr que mostra ao observado.

«Este disco está collocado entre duas laminas de caoutchouc negro, despolido, nas quaes está aberto um orificio de 6 millimetros ou uma cruz á distancia de 5 centimetros e meio da primeira abertura.

«Para o uso do *chromatoscopio* recommenda-se que elle esteja á distancia de 25 centimetros do observado, se faça fixar a vista sobre a abertura de 12 millimetros e passar successivamente as côres, fazendo mover as hastes lateraes; por esta forma a imagem côrada corresponderá á macula e poder-se-ha examinar se ha ou não scotoma central. Quando se quizer proceder a um exame peripherico, o observado deverá fixar a cruz, enquanto se fizerem passar as côres, a imagem então côrada achar-se-ha n'um angulo de 15°, para fóra do ponto

de fixação; dever-se-ha ter o instrumento um pouco para dentro ou obliquamente, para que o ponto côrado não corresponda á mancha de Mariotte. Póde tambem o chromatoscopio servir para a exploração campimetrica.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS. — *Da elephancia e seu tratamento pela electricidade*. Pelo Dr. B. Vieira de Mello.

Escripta com methodo, elegancia e clareza, esta monographia, que serviu de these inaugural a seu author, foi certamente digna da distincção que conferiu-lhe a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Enriquecida com um elevado numero de observações presta elementos valiosissimos ao estudo da pathogenia da elephancia, e a sua therapeutica, especialmente ao emprego da electro-therapia, de cuja proficuidade o autor colheo numerosos exemplos na clinica dos illustrados Drs. Moncorvo e Silva Araujo.

E' um trabalho que honra a seu author e á Faculdade que lhe conferiu o diploma.

— *Do Páo Pereira, da Pereirina e seus saes; suas indicações nãs manifestações agudas da malaria*. Pelo Dr. Almir Nina. E' tambem uma these inaugural que foi approvada com distincção pela Faculdade do Rio de Janeiro. Revela aturado e consciencioso estudo do author que foi sempre notavel no tirocinio escolar pela dedicacão á sciencia, e distinguio-se nos internatos das clinicas, quer n'esta Faculdade, onde estudou alguns annos, quer na da Côte, onde terminou seu curso.

Não cabe n'esta noticia um juizo critico sobre o trabalho; sua importancia e a originalidade do assumpto, que é todo da materia medica brasileira, offerecem instructiva leitura dos que se interessam pela therapeutica nacional.

Agradecemos tambem ás respectivas redacções a remessa dos periodicos seguintes :

*Revue Sanitaire de Bordeaux et du Sud-Ouest*. Redacteur em chef: Docteur Alexandre Layet.

*A Saude Publica*. Hebdomadario de hygiene. Redactor, A. Maia Mendes Porto.

*El Estudiante*. Publicação destinada a diffundir a sciencia e defender os interesses da classe que representa. Aparece em Buenos-Ayres nos dias 5, 10, 15, 20, 25 e 30 de cada mez.